

ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: FRAGMENTOS DA TRAJETÓRIA DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO UNIVAG – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE

Elisângela Clotilde França de Almeida Batista¹
Talita Ferreira²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo apresentar e registrar alguns fragmentos históricos da trajetória do curso de Educação Física do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande, a partir do olhar e da memória de quatro precursores, sendo um deles o principal idealizador, um aluno da terceira turma de egresso, um professor dos primeiros semestres de funcionamento e o atual diretor da área da saúde que já foi professor e coordenador do curso de Educação Física. Justifica-se esta pesquisa pelo fato de que a instituição não possui registros publicados dessa trajetória, a não ser documentos burocráticos necessários para abertura e funcionamento do curso e histórico de materiais gráficos e registros fotográficos de alguns eventos alicerçados pelo marketing da instituição. A pesquisa pautou-se metodologicamente na história oral e a coleta de dados aconteceu a partir da entrevista livre com pontos norteadores que nos guiassem até as questões necessárias. Como resultados obtivemos nomes de pessoas que participaram do processo de construção e desenvolvimento do curso – professores de disciplinas diversas que entraram e saíram do curso -; lembranças sobre a infraestrutura inicial, onde não se via nada específico para as aulas práticas como salas de lutas, ginástica, dança, quadra esportiva e demais espaços e hoje o curso conta com toda essa infraestrutura. Outro ponto a se destacar são as parcerias iniciais com grandes empresas e clubes da região que, ainda hoje, são importantes para esse processo de desenvolvimento da Educação Física. Um fator muito importante retratado em todo o discurso dos participantes foi a nota do ENADE que atingiu seu ápice no ano de 2016 e, além disso, o curso de Licenciatura foi considerado o primeiro na classificação de melhor curso do Brasil. Todos esses fatos, mesmo que históricos e oriundos do passado, ainda hoje são relevantes e podem e devem ser discutidos pelo próprio curso a fim de transformar o que temos, afinal, já não somos mais o que éramos, mas ainda não somos o que podemos ser realmente.

Palavras-chave: História; Memória; Educação Física.

1 INTRODUÇÃO

Muitos alunos procuram um curso superior apenas para obter um diploma ou uma formação para além da Educação Básica, isso é fato. Contudo, existem aqueles cujas perspectivas vão além, alunos que ingressam no nível superior e procuram dar o máximo de si durante a graduação pensando em ir além, em ultrapassar os limites

e muros da instituição de ensino de modo que isso gere cada vez mais conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão.

Podemos afirmar, então, que a elaboração de um trabalho de conclusão de curso, poderia ser o primeiro passo para essa difusão de conhecimento e também uma forma de retorno social que o graduando proporciona aos investimentos empregados ao longo de sua jornada acadêmica.

E por que todo esse discurso inicial? Para esclarecer os motivos que nos levaram a desenvolver essa pesquisa histórica. Talvez não fosse o tema (a história de uma instituição) que tivesse ativado o desejo de pesquisar, mas sim, a ideia de desenvolver algo que fizesse a diferença entre as tantas pesquisas produzidas todos os semestres ao longo dos anos na instituição, uma pesquisa que pudesse valorizar todos esses anos de caminhada do curso de Educação Física, entre erros e acertos, entre altos e baixos, mas uma história que pudesse marcar o início dos registros históricos no contexto da nossa área.

Há muitas discussões acerca das práticas pedagógicas e formação de professores, mas pouco se vê pesquisas que analisem as pessoas e instituições que estavam por trás de tudo isso, seus motivos e o tempo no qual estavam inscritos quando a história da Educação Física começou a ser registrada.

Compreender o estado da arte da Educação Física só será possível se reconhecermos a importância do passado, da história construída ao longo do tempo, pois essa história é fruto das nossas relações com o mundo e com as pessoas com quem convivemos.

Desse modo, a ideia inicial, antes mesmo de pensar no objetivo deste trabalho foi compreender a possibilidade de pesquisar, registrar e refletir sobre nossa área de atuação, nos dias de hoje, a partir de estudos sobre o passado institucional de um curso de graduação em Educação Física, com vistas a repensar nossa atuação profissional no presente.

Contudo, tínhamos um problema: de que forma poderíamos conhecer a história de uma instituição? Num primeiro momento, pensou-se em procurar por documentos que atestassem tal surgimento, certo? Mas será que datas, atas e registros em cartórios poderiam responder a todas as nossas perguntas? Não, obviamente que não. Por isso, a resposta para esse problema seria recorrer à

história oral, à história de vida e narrativas de alguns participantes diretos desse processo.

Diversas fontes contribuem para o levantamento, tratamento e disponibilização/divulgação dos dados sobre a história da Educação Física em geral e, desse modo, compreende-se a necessidade de estudos que contemplem a micro história (pode-se entender aqui a história de uma instituição como parte do contexto micro histórico), sendo esta, parte constitutiva da macro história, de uma história mais geral que contribua com o cenário nacional da Educação Física, por exemplo.

Então como se justifica esta pesquisa? Pode-se justificar a necessidade de realização dessa pesquisa a partir do fato de que documentos e registros impressos não foram suficientes para apresentar a trajetória do curso de Educação Física do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande e, assim, houve a necessidade de procurar protagonistas dessa história para que o registro fosse feito.

Assim, o objetivo dessa pesquisa foi investigar e registrar alguns fragmentos históricos da trajetória do curso de Educação Física do Univag – Centro Universitário de Várzea Grande, a partir do olhar e da memória de quatro precursores, desde a sua fundação até os dias atuais, com vistas a compreender historicamente nossa área de conhecimento a partir do passado institucional, a fim de repensar nossa atuação profissional no presente e preservar a memória desse grande feito.

Para isso foram necessárias algumas metas estabelecidas como:

- Investigar de que maneira ocorreu o aparecimento, desenvolvimento e crescimento físico dos espaços utilizados pela Educação Física no UNIVAG;
- Rememorar e descrever aspectos históricos mais relevantes relativos ao tempo de existência do Curso de Educação Física do UNIVAG;
- Analisar o corpus narrativo a partir do cruzamento dos dados orais, a fim de produzir uma narrativa histórica que conte a história do curso de Educação Física do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea grande.

Os autores que deram suporte no referencial teórico e metodológico para esta pesquisa foram: Meihy (2010), Nóvoa (1995) e Holanda (2007) que tratam diretamente da história oral, biografias e história de vida de professores e instituições; Marconi e Lakatos (2010), Bogdan e Biklen (1994) trazendo a parte metodológica da pesquisa descritiva e qualitativa; Castellani Filho (2000), Goellner

(2005), Castellani Filho (2000) e Soares (1994) que ajudaram com a história da Educação Física.

2 UM POUCO DE HISTÓRIA

Faz-se necessário compreender a importância de recorrermos ao passado para possibilitar uma gama maior de estudos históricos que busquem através da pesquisa uma reflexão mais assistemática em torno das práticas docentes do presente.

Isto se torna possível partir da combinação entre estudos histórico-biográficos, narrativas emergentes de vozes outrora silenciadas e elementos/acontecimentos específicos da Educação Física, possamos dar lugar aos aspectos que muito contribuíram para o nosso atual estágio de desenvolvimento referente às relações sociais, políticas, esportivas e educacionais, além de incontáveis aspirações e movimentações dentro do próprio curso de Educação Física dessa instituição.

Goellner (1999) reforça a importância das fontes de pesquisa histórica quando diz que:

[...] textos, imagens, sons, objetos, cheiros, monumentos, equipamentos, vestes e tantas outras produções humanas vistas como possibilidades de compreender que ali estão inscritas sensações, ideologias, valores, mensagens e preconceitos que permitem conhecer parte do tempo onde foram produzidos, através da intervenção do pesquisador que, utilizando-se de uma forma de narrativa, arranca-os de um esquecimento/desconhecimento e os traz para o tempo presente. (GOELLNER, 1999, p. 12).

De acordo com Feix (2003), existe uma riqueza de possibilidades ao se estudar e/ou escrever a história de um acontecimento, dentre elas, o olhar não convencional da linearidade e das fontes tradicionais de consulta. Para o autor, a sensibilidade do historiador e seu referencial teórico é que não de apontar a direção rumo a um texto mais comprometido e verossímil com o contexto social, econômico e cultural da época em questão.

Antes de adentrarmos na importância dos estudos históricos para a Educação Física, é preciso compreender também um pouco do momento histórico pelo qual passamos na área.

Importante, nesse momento, pontuarmos elementos que dão base para que possamos entender como iniciaram os processos para a formação de professores que pudessem atuar frente às ideias relacionadas a Educação Física dos indivíduos.

De acordo com Brasil (1997, apud CASTELLANI FILHO, 2000 p.99) somente a partir da constituição de 1937 a Educação Física foi instituída como disciplina escolar obrigatória em âmbito Federal. Tal processo implicou em uma maior demanda de profissionais que atuassem nessa área.

“Assim, em 17 de Abril de 1939, deu se a criação, na Universidade do Brasil, da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.” (CASTELLANI FILHO, 2000, p.99).

Conforme Brasil (1997) É importante lembrar que na década de 1960 ocorreu a elaboração da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 4.024-61, que em seu artigo 22 tornou obrigatória a Educação Física, no ensino primário e médio.

Para Guiraldelli Jr. (2003, apud ALBUQUERQUE, 2009 p. 2253), nas décadas de 1960 e 1970, a Educação Física escolar se transformou em um degrau para o treinamento de desportos representativos. Um dos objetivos desse redirecionamento eram o treinamento e a preparação de futuros atletas, capazes de conquistar mérito e medalhas olímpicas para o Brasil.

Cabe comentar, com base em Castellani Filho (2000) e Darido (2003, apud ALBUQUERQUE, 2009 p. 2253), que a Educação Física de caráter esportivo, técnico e competitivo acentuou nas universidades, a partir da década de 1970, o surgimento de laboratórios de avaliação física e fisiológica do esforço.

Segundo Darido (2003, p.18), “[...] os estudos conduzidos por estes laboratórios não tinham intenções explícitas de produzir conhecimento na área escolar [...]”.

Tais pesquisas tinham o objetivo de agregar conhecimento científico aos cursos de formação de professores e também contribuir para a melhoria do chamado processo de desenvolvimento do desporto nacional.

No que diz respeito à Educação Física, Castellani Filho (2000) afirma que no início da década de 80 houve abertura para congressos de professores e alunos, com o objetivo de discutir a disciplina como uma área de conhecimento que pudesse auxiliar na formação de indivíduos conscientes dos problemas políticos e econômicos da sociedade brasileira.

Em meados da década de 1980, algumas instituições de ensino superior voltadas à formação de profissionais em Educação Física “implementaram novas

propostas curriculares, procurando formar o aluno numa perspectiva mais ampla”.(DARIDO, 2003, p.28).

Essa reformulação, segundo o autor, aconteceu a fim de escapar de modelos da formação de professores em Educação Física que reproduziam em suas práticas pedagógicas uma visão totalmente esportiva, competitiva, individualista e sem fundamentos teóricos.

Na década de 80, transparece a “crise de legitimidade” do regime Militar e dos seus preceitos eminentes racionais e técnicos. Neste período ocorreu um grande processo de reflexão em relação às políticas educacionais. Acompanhando o sistema educacional como um todo, a Educação Física e os seus cursos da formação superior entraram em uma chamada “crise de identidade”.

Foi esse período que algumas correntes de pensadores passaram questionar a visão estritamente objetiva, fisiológica e competitiva com que a Educação Física tratou o ser humano e a sociedade. (GERMANO, 1994 apud ALBUQUERQUE, 2009 p. 2256).

Para alinhar e dar sentido a esse capítulo histórico a nossa pesquisa, vale salientar que o curso de Educação Física do UNIVAG surgiu na década de 2000, muito já se tinha avançado na área, porém, a Educação Física na Universidade Federal de Mato Grosso apareceu na década de 1970 ainda, o que se pode inferir que, professores do UNIVAG que adentraram o curso em 2000 eram frutos ainda dessa Educação Física pós 80, já que os professores eram oriundos da UFMT (tanto alunos recém formados, como professores que lá trabalharam). Assim, pode-se pensar em discutir o perfil de Educação Física e aulas que ocorriam na instituição em seu início e, assim, comprovar a importância dos estudos históricos para compreensão do que se tem hoje no contexto da área.

2.1 A importância das narrativas...

Desde a década de 1970 que o universo educacional vem se utilizando de métodos biográficos e de histórias de vidas, inclusive, para investigar as relações que permeiam a vida pessoal e profissional de professores inseridos em determinado contexto e época (NÓVOA,1995 apud FERREIRA, 2013, p. 8).

A história de vida ou relato de vida pode ter a forma autobiográfica, na qual o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua

experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. (CHIZZOTTI, 2001, p. 95).

Segundo o autor acima supracitado: “Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer a fontes documentais para fundamentar as afirmações e relatos pessoais”. (CHIZZOTTI, 2001, p.95).

Para compreensão desses contextos e época, é preciso buscar os fatos, e muitos destes fatos, só podem ser recuperados por meios de pequenos acontecimentos que surgem na configuração das relações entre memória ou trajetórias individuais.

Chizzotti (2001, p. 95) afirma que:

A História de vida é um instrumento de pesquisa que privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal de um ou vários informantes. Pode ter a forma literária ou biográfica tradicional com memórias, crônicas ou retratos de homens ilustres que por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa.

Não se tem a pretensão em buscar nos relatos dos entrevistados “o que realmente aconteceu” como forma de comprovar uma verdade absoluta, mas entender como cada história de vida interligou-se a outras tantas vidas e, assim, deram início a um curso que hoje é um dos melhores do Brasil de acordo com estatística do ENADE.

As memórias narradas no momento de uma entrevista geralmente são provocadas, de modo que respondem a um estímulo de uma pesquisa “externa” e se constituem na relação entre dois sujeitos. Além disso, mesmo sendo narrativas construídas sobre o passado, não são capazes de dar conta do que aconteceu exatamente, nem deve ser este o propósito de seu registro. (RIBEIRO, 2000, p. 38).

Este trabalho considera a narrativa como matéria principal da pesquisa e, nesse aspecto, sua organização será temática, mas não fragmentada com trechos entrecortados em que só se lê aquilo que se quer, numa leitura fechada, reduzida.

Dessa maneira, quando a memória é narrada e os sons gravados são convertidos em escrita, estabelece-se o documento para a História oral, um documento/narrativa produzido a partir de procedimentos específicos (MEIHY, 2005; RIBEIRO, 2002, p. 26-40).

Assim, é viável dizer que as narrativas são práticas sociais que expressam a experiência vivida, compreendidas aqui como “atos interpretativos”, nas palavras de Khoury (2004).

2.2 Entendendo a história institucional...

Entre missão, visão e valores encontrados no site oficial do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande existe um longo caminho. Caminho este que nem sempre esteve florido, muitas vezes houve espinhos e outras mazelas que tentaram frear a caminhada, porém, se hoje estamos aqui, tentando contar um pouco da trajetória de um dos inúmeros cursos de graduação oferecidos por essa instituição, podemos estar certos de que as barreiras estão sendo vencidas uma a uma, dia a dia, de modo que as “estrelas” simbólicas que glorificam os cursos não param de brilhar.

E, uma dessas estrelas que tem se destacado é a Educação Física. Particularmente, o curso de licenciatura em Educação Física que trouxe uma das grandes alegrias para docentes e alunos: uma nota 5 no ENADE e o reconhecimento de melhor curso de licenciatura em Educação Física do país no ano de 2016. Começamos então essa história de modo convencional, apresentando o grandioso Centro Universitário de Várzea Grande – MT.

As informações abaixo foram retiradas de páginas de jornais online da cidade de Cuiabá e Várzea Grande – MT em que o referencial se encontra no final para que isso não atrapalhe a fluência do texto e, mesmo, porque não conseguimos atestar a veracidade dos fatos ainda, pois não foi possível constatar tais dados com o órgão responsável por essas informações na própria instituição. Porém, como não contém informações pejorativas sobre o curso ou empresa e, também não foram dados inventados pelas autoras, nos dispomos a colocá-las para conhecermos um pouco do histórico do UNIVAG disponível nas redes sociais.

O UNIVAG - Centro Universitário de Várzea Grande é uma instituição particular de ensino superior, mantida pela Instituição Educacional Mato grossense – IEMAT, com sede no município de Várzea Grande – MT. O UNIVAG, como instituição educacional, nasceu com a implantação dos cursos de bacharelados em Administração e Ciências Contábeis, em 1989, seguidos da implantação dos cursos de licenciatura em História e Geografia, quando, então, se instalava a UNIVAG - Faculdades Unidas de Várzea Grande.

A Instituição Educacional Matogrossense – IEMAT, mantenedora do UNIVAG, motivada pela expansão populacional e econômica do Estado, criou, em 1994, a Faculdade de Direito e Ciências Econômicas – FADECO, com os cursos de Direito e Ciências Econômicas e, posteriormente, a Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia – FACET, com o curso de Tecnologia em Processamento de Dados, as quais passam a constituir as Faculdades Integradas de Várzea Grande, devidamente credenciada no órgão próprio.

Em 1999 com autorização do MEC implanta novos cursos de Licenciatura, Pedagogia, Letras e Ciências Biológicas, além de Sistemas de Informação, Secretariado Executivo, Agronomia e Odontologia.

A partir de 2000, em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, o UNIVAG - Centro Universitário, credenciado pelo Decreto Presidencial, de 6 de julho de 2000 – DOU de 7 de junho de 2000, amplia sua oferta de cursos de graduação, fazendo funcionar os cursos de Comunicação Social, Marketing, Turismo e Comércio Exterior. Desta data até o presente foram implantados os cursos de Fisioterapia, Farmácia, Fonoaudiologia, Educação Física, Psicologia e, em 2004, o de Enfermagem. No ano de 2003, tem início o Programa de Educação Tecnológica, com o oferecimento de 6 cursos nas áreas profissionais de Gestão e Informática.

Atualmente, o campus do UNIVAG tem 360.000 m² de área total e 65.000 m² de área construída, sendo considerado um dos maiores e mais modernos do estado, sendo adaptável para ser estruturado como Cidade Universitária com uma infraestrutura dividida em 4 blocos, com 100 laboratórios modernos nas áreas de saúde, agrárias, biológicas, licenciatura e de informática, biblioteca, clínica-escola onde presta atendimento gratuito a população, um Núcleo de Práticas Jurídicas com prestações de atendimento jurídico gratuito a população carente da Região Metropolitana de Cuiabá e a agência de comunicação integrada que possibilita aos alunos de comunicação social o exercício da profissional.

E quanto a Educação Física? O capítulo dos resultados apresentará alguns fragmentos históricos reconstruídos e lembrados por nossos quatro protagonistas participantes.

3 METODOLOGIA

O presente estudo tem característica de natureza qualitativa, já que na investigação qualitativa “o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenômenos nos quais está interessado, incidindo dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas: conversar, visitar, observar, comer, etc.” (GUBA, 1978; WOLF, 1978a apud BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.17).

Também é uma pesquisa histórica do tipo descritiva, visto que suas metas enfocam a apresentação do registro histórico da trajetória do Curso de Educação Física do UNIVAG, permitindo assim, que se preencha a lacuna histórico-documental, existente no curso de Educação Física desta instituição.

Helmstadter (1970 apud RICHARDSON, 1999), afirma que a pesquisa histórica faz um registro do passado, coletando informações e descrevendo acontecimentos que ocorreram ao longo do tempo. Para tanto, busca retirar do esquecimento/desconhecimento diversas informações trazendo à tona o tempo presente.

Para Marconi e Lakatos (2010, p. 89), o método histórico:

[...] consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.

Inicialmente, o projeto previu a escolha dos sujeitos da pesquisa. Há, primeiramente, uma comunidade de destino, que são as pessoas que partilham da mesma identidade ou como expressa Halbwachs (2004) pelo elo do afeto unido e em conjunto social.

Feito isso, ainda tivemos um grupo muito grande para realização das entrevistas, então, foram selecionados dentre a comunidade de destino um grupo menor marcado por relações de gêneros, classe, gerações, cultura, interesses comuns etc, denominado Colônia; e, por fim, selecionamos as Redes, que foram os sujeitos da pesquisa: uma subdivisão formada pelas pessoas que foram entrevistadas, por critério de pertencimento ou diferenças de discursos (HOLANDA, 2007).

Desse modo, participaram da pesquisa quatro precursores, sendo um deles o principal idealizador (ainda professor do curso), um aluno da terceira turma de

ingresso, um professor dos primeiros semestres de funcionamento e o atual diretor da área da saúde que já foi professor e coordenador do curso de Educação Física.

Contamos com colaboradores que reconstruíram através de relatos sobre a História do curso de Educação Física desde o início entre 2001 e 2002 até os dias atuais, como eram as aulas, como eram as instalações, sobre o perfil dos professores, dos alunos e alguns eventos marcantes para o curso.

O lócus da pesquisa foi a Instituição cuja história foi contada que, desde a sua fundação até os dias atuais sempre se encontrou no mesmo endereço, no município de Várzea Grande – MT.

Caso ainda não tenha ficado claro, estamos a falar de uma metodologia baseada na História Oral, numa história que acredita e não põe “em xeque” a memória de seus protagonistas. O foco não é investigar “verdades ou mentiras”, mas sim, lembranças e esquecimentos. Para isso, não se pode pensar num projeto como esse a partir de outro instrumento que não seja a entrevista.

Uma das características da história oral é o passo que determina a passagem da fase falada para a escrita, ou dizendo de outro modo, do código falado, estéreo, para o escrito ou comprometido com o que se considera documento no sentido tradicional. Isto, contudo, não esgota o pensar. É tempo de supor as funções remotas do pensar a memória. (EVANGELISTA, 2010, p. 169).

Como instrumento de pesquisa, foi feito o uso de entrevista semiestruturada, pois tivemos como objetivo coletar dados Históricos e informações dos entrevistados para a transcrição do registro histórico do curso de Educação Física da Instituição de Ensino Superior do UNIVAG.

Para Goode e Hatt (1969 p. 237 apud MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 179) a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de certo ato social como a conversação”. Sendo assim:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou tratamento de um problema social. (MARCONI; LAKATOS, 2002, p.92).

Houve um roteiro de entrevista inicial para o primeiro colaborador e, a partir deste construímos os outros, já que eles dependiam da função e do contexto em que foram citados pelo primeiro participante/colaborador.

Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.48).

Desse modo o investigador teve que ir ao encontro do investigado, e desta forma coletar dados através de mecanismos como entrevistas, observações e entre outros meios para se chegar ao objetivo da pesquisa.

Contudo, quando se apresentou ao colaborador desejado, a pesquisadora teve de se apresentar e apresentar o objetivo da pesquisa, para assim, fazer o convite. Após o convite feito e o colaborador ter aceitado foi preciso formalizar a pesquisa e a participação na segunda etapa, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os termos de utilização da entrevista para fins da pesquisa. Após o colaborador ter assinado o termo, agendamos as entrevistas para coleta das informações.

Analizamos o *corpus* narrativo (resultado das entrevistas) a partir do cruzamento de dados orais e registros impressos a fim de produzir uma narrativa histórica que contasse a História do curso de Educação Física do UNIVAG - Centro Universitário de Várzea Grande.

A análise dos dados de acordo com Chizzotti (2001, p.52):

[...] serão coligidos nas interações interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisadas a partir da significação que estes dão aos seus atos. O pesquisador para compor o corpo do instrumento de pesquisa, faremos o uso também da História oral, pois metodologicamente essa abordagem perfaz ponte entre o passado e presente.

Por fim, como procedimento de análise adotou se a análise interpretativa de Minayo (2003) para quem os pressupostos de análise é a ideia de que não há consenso e nem ponto de chegada no processo de produção do conhecimento, bem como o fato de que a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge na realizada.

4 RESULTADOS

4.1 O início de tudo...

No ano de 2001 no segundo semestre, o Reitor Dráuzio Medeiros me fez o convite, para eu organizar o planejamento do curso de Educação Física, e, eu aceitei o convite e coloquei a importância de convidar mais dois professores para poder fazer essa organização mais completa, Benedito Penazzo, graduação em esportes, e um outro professor que, ele já veio do curso de doutorado e veio me assessorar nessa área de fisiologia, na área mais científica, naquela época era um curso único de licenciatura e bacharelado junto, eu tinha experiência acadêmica na organização de curso, nós fundamos o curso na UFMT. (KIDO, 2017)

O professor Kenji Kido, principal protagonista dessa história, conta que os dois citados por ele anteriormente elaboraram a documentação a partir da experiência da (UFMT) UNIVERSIDADE FEDERAL de MATO GROSSO, então de posse desse material foram organizando as disciplinas e ementas e assim, criaram o curso. Diz ainda que foi no ano de 2001 que começaram a elaborar, no segundo semestre e, em 2002 começou o curso de Educação Física no UNIVAG. O professor Kido foi o primeiro coordenador e, a partir daí selecionou e convidou vários professores e os que aceitaram começaram a dar aula aqui no UNIVAG. Um dos professores convidados que aceitaram e foi um dos primeiros professores do UNIVAG foi o professor Rogério Marques:

O professor Kido chegou no UNIVAG com uma missão: criar o curso, formar o curso. Ele, o professor Benedito Penazzo, o professor Joás, eles tiveram essa missão de criar um curso diferente do que nós tínhamos, um curso preocupado com o profissional que estaria hoje no mercado de trabalho, com esse profissional que chegasse na escola que conseguisse transitar por todo universo da educação física que é muito grande, profissional que pudesse chegar em uma academia e conseguisse estar na academia de forma tranquila e segura que soubesse onde buscar respostas para as perguntas e questionamentos, que acontecem naturalmente em nossa vida profissional. (MARQUES, 2017).

O professor Kido afirma hoje que houve muita renovação, mudanças grandiosas que aconteceram, houve época de dificuldades em contratar professores, mas foram superadas e hoje, nós temos muitos mestres e doutores, que é uma coisa muito forte, então essa é a história da fundação. O curso teve professores de vários lugares, também vivenciou a experiência dos “outsiders”.

Nas palavras do professor Rogério Marques o UNIVAG nasce em um momento que se buscava uma identidade diferente da (UFMT) UNIVERSIDADE

FEDERAL de MATO GROSSO e diferente da UNIC, então se procurava um perfil de professores que tivesse uma visão mais humana, humanística da educação.

Um dos exemplos que podemos citar de visão diferenciada da Educação é o atual diretor da área da Saúde que também já foi professor e coordenador do curso de Educação Física, o professor Jorge Eto.

Em 2004 quando eu estava fazendo o mestrado em Campo Grande e tinha umas pessoas daqui que faziam mestrado lá, aí eu passei a conhecer o UNIVAG, algumas professoras sabendo que eu fazia educação física e eu já coordenava o curso em Campo Grande me perguntaram se eu não queria vir pra cá, aí uma das professoras trouxe o meu currículo pra cá naquela época, e aí o então coordenador era o professor Clóvis e ai professor Clóvis fez uma entrevista e logo depois no início de 2005 eu vim pra cá. (ETO, 2017).

O professor Jorge relatou que trabalhou com as disciplinas de projeto de pesquisa, projeto sócio educativo, e TCC1 e TCC2, além disso, ficava no auxílio à coordenação de extensão, o professor Kido era então coordenador de extensão da época, tinha deixado a coordenação de Educação Física, já tinha experiência em extensão pois foi Pró Reitor de extensão na UFMT. Nessa época o professor Kido estava como coordenador de extensão, e o professor Jorge Eto era um assessor dele, um ajudante do professor Kido. O curso já estava fazendo o 3º ano de fundação.

Contudo, o professor Jorge se afasta do curso por um tempo e nos conta o ocorrido:

Eu saí depois voltei pra cá em 2009, aí em 2009, já estava diferente né, mas assim nesta época, assim o curso estava com dificuldades né, dificuldades assim por conta que tinha saído uma nota baixa no ENADE né, estava, os alunos um pouco descontentes na época a questão da licenciatura e bacharelado o quê que eles eram, se podiam ser licenciatura e atuar no bacharelado, eu cheguei aqui mais ou menos nisso. Nessa época que aconteceu que o Conselho Regional de Educação Física assinou um termo de ajuste de conduta né pra gente poder, pros nossos alunos poderem sair em licenciatura com atuação plena desde que a gente abrisse o bacharelado, mas já estava previsto pra abrir o bacharelado em 2010 a gente abriu o bacharelado, aí que se dividiu licenciatura e bacharelado. (ETO, 2017).

O professor Jorge acha importante para a história do curso, ressaltar que hoje estamos numa condição muito melhor, o curso passou por primeira avaliação do ENADE boa, uma primeira avaliação in loco, uma primeira visita boa, uma avaliação

do ENADE ruim, duas avaliações in loco ruins e alcançou uma nota 4 de licenciatura e nota 4 de bacharelado e na sequência obteve nota 5 de licenciatura, a melhor do Brasil.

E nesse trajeto, o trabalho que houve pra manter, pra melhorar as coisas né, a formação a organizar o curso né pra mostrar que essa formação da uma qualidade lá fora, é muito grande né, então nós tivemos um período muito difícil como eu disse nós tivemos uma avaliação de curso nota 3 e ENADE nota 2 depois nós tivemos duas avaliações de curso nota 2, então nós passamos um período grande de notas ruins né e muitas dificuldades né e não é só a nota, tem todo um processo do dia a dia desde de questão de estrutura até a questão de dificuldade de professores né com a formação adequada então assim hoje se tem uma possibilidade muito maior (ETO, 2017).

Quanto à forma de trabalho, de investimento educacional e docente, o professor Rogério Marques deixa claro sua opinião, opinião de quem teve uma formação na UFMT e a experiência docente no UNIVAG.

Eu acho que o UNIVAG foi um divisor de águas na formação dos profissionais de educação física né, como eu disse, nós tínhamos a UFMT que está aí há muito tempo que foi de onde eu saí onde eu fui formado, que tinha na época uma visão de formação tecnicista bem tecnicista, nós tínhamos é a UNIC que tinha os mesmos problemas que a gente, sem infraestrutura corpo de profissionais também muito diferentes do que a gente tem hoje, nós tínhamos poucos profissionais de educação física na época que tinha especialização, pra se ter uma ideia, mestrado então era quase difícil, hoje tem doutores aí com 24, 25 anos a rodo né, é, o UNIVAG veio com essa preocupação com a formação do seu aluno, o UNIVAG, o quadro de professores do UNIVAG, um quadro em minha opinião muito bom, um quadro de professores muito profissionais, muito preocupados com – “Que profissional nós colocaremos no mercado?” (MARQUES, 2017)

Sobre a colocação de profissionais no mercado, ainda muito se discute nos dias de hoje, ainda é uma preocupação latente. O professor Rogério Marques lembra que os professores do curso na época inicial já conversavam muito sobre o ensino e aprendizagem dos alunos, pois existia a preocupação de que os alunos que se formassem no UNIVAG saíam dali e representariam muito bem o nome da instituição, e que aquele aluno seria o cartão de visita, porque eles sentiam uma concorrência com a UFMT na época.

Mas, pelas falas do professor, pode-se perceber que a visão de empreendedorismo educacional era muito forte:

Os fórum de políticas públicas sobre política nacional de esporte e lazer, as discussões sobre a nova estrutura de formação acadêmica do profissional, todas aconteciam no UNIVAG, não acontecia na Federal, não acontecia na UNIC, a UNIVAG era referência na formação em educação física, e, hoje os professores que vieram somando e somaram muito mesmo! Então hoje a gente vê o UNIVAG a faculdade de educação física como uma das faculdades de melhor nível de aprovação em todos os processos que se tem de avaliação de formação nas universidades, então a instituição continuou preocupada com esse nível de formação de seus egressos. (MARQUES, 2017).

E, completando a fala dos professores, um dos primeiros alunos do curso nos relembra sobre o desenvolvimento do curso:

Como que foi o desenvolvimento como eu cheguei a tudo isso, onde que eu fiz a faculdade? Olha pra mim é gratificante, porque quando as pessoas falam pra mim – ah onde você estudou, onde você fez a faculdade? Eu digo na UNIVAG né e eu fui um dos pioneiros de começaram o curso lá né e hoje muita gente procura, me procura aqui às vezes pra querer saber. Eu acredito que tem bastante valor porque quando se inicia uma coisa, algumas coisas vão se ajeitando durante o trajeto né, o que era errado eles vão melhorando, eu acredito que o que foi errado com a primeira turma na segunda turma melhorou, e o que foi errado pra segunda foi melhorando pras próximas né e eu acredito que a gente foi tipo o que iniciou o andamento da Educação Física lá na UNIVAG, eu fui aluno da 3º turma entrei em 2003/2 e saí em 2007/2, fiz o curso licenciatura plena (GARCIA, 2017).

4.2 Questões infraestruturais...

Em 2017 houve uma reforma nas quadras poliesportivas e salão de ginástica e tanto alunos como professores perceberam o quanto faz falta uma estrutura adequada para a qualidade das aulas. Claro que nem sempre foi assim, nem sempre tivemos o que se tem hoje e alguns locais que tínhamos antes não temos mais. A estrutura cresce, a instituição se desenvolve, investimentos e parcerias ocorrem e a partir de tudo isso se constrói uma outra história.

Sobre a estrutura demorou muito tempo, nós tínhamos a quadra, isso precisa verificar o ano da implantação da quadra, nós tínhamos locais emprestados, então já tivemos aulas na piscina lá do SESI, na pista do SESI, na quadra do SESI, nós nos deslocamos, então a aula era marcada pra lá. É... No início nós tentamos fazer as aulas aqui, na quadra é como se chama ali... Lá nos padres? Os padres eram... Tinha uma portinha que atravessava e começamos a fazer, mas tinha muito barulho também, e eles acharam que não era direito, e começamos a recolher (risos). Então começamos lá, saímos lá pro SESI, o SESI atendia bem a gente! Tinha se um campo de futebol onde que é a agronomia, mas usamos pouco ali, e aí neste tempo foi construindo o ginásio, a quadra não era coberta, depois se cobriu anos depois, isso depois precisa se levantar. Construiu uma pista de

atletismo e campo de futebol, isso você lembra? Agora eu to lembrando, o atletismo era feito naquele espaço ali onde se tem os shows, o professor da época fez uma pista e pintou no asfalto uma pista de atletismo, e as aulas eram lá, eventualmente acontecia alguma coisa de aula prática. Nós já tivemos aula no clube das Mangueiras, onde hoje utiliza-se a piscina, mas, já utilizamos o campo de futebol a quadrazinha, então esses espaços que a gente locou, depois é que foi feito a quadra e mais recentemente o salão de ginástica, o salão...(KIDO, 2017).

O professor ainda se lembra que os alunos faziam as atividades de arremessos do atletismo num espaço vago, conhecido como “matões”. Era uma adaptação grotesca, mas era o que se podia ter, e hoje o curso loca a pista de atletismo no Centro Esportivo Dom Aquino para a realização das aulas.

O professor Rogério Marques também confirma e nos traz ainda mais elementos sobre o início da infraestrutura do curso, diz ele que não se tinha nada, apenas convênio com grandes empresas e seus espaços.

Em termos de infraestrutura nós não tínhamos nada, depois foi feito um convênio com o clube de servidores da Sadia, onde hoje fica o Assai logo depois esse convênio não foi à diante, nós tivemos um convênio com o SESI e passamos a utilizar aquele espaço, mais isso já devia ter uns 5 a 6 o curso na Instituição, a gente estava formando uma turma já, então nós dávamos aula de voleibol de esporte educacional lá no estacionamento, nós isolávamos parte do estacionamento, eles estavam ampliando a Instituição na época estava sendo construído o bloco C e o bloco D então a gente isolava partes do estacionamento pra gente fazer prática, bolas não tinham era uma ou duas eu já cheguei de levar material de outra escola pra trabalhar pra dar aulas, pra que alguns alunos que nunca tinham tido a oportunidade de ter pegado uma bola de vôlei pudessem estar manuseando aquilo né a gente chama isso de primeiro contato com o material. (MARQUES, 2017).

O aluno Garcia atesta as condições oferecidas por algumas disciplinas, confirmando o que já disseram os professores:

A parte de lutas a gente fazia na sala de aula mesmo tinha uma sala vazia então o professor dava aula na sala mesmo ou na quadra, né parte da natação teve um ano que nós fizemos acho que foi na fisioterapia mesmo tinha uma piscina não era muito grande e então nós fizemos algumas coisas lá e no outro nós fizemos em um clube que fica lá do lado mesmo da UNIVAG e o atletismo nós fizemos um tempo lá no SESI ali perto do UNIVAG mesmo. (GARCIA, 2017).

O ponto positivo de se trabalhar com as lembranças alheias é que podemos ver a história a partir de uma perspectiva de linha do tempo, por exemplo, o

professor Rogério iniciou no curso dando aula para uma turma de 3º semestre e sua fala anterior ele relata condições estruturais desse período, porém, num outro momento da fala ele conta como se encontra a situação oito anos depois, fazendo com que possamos perceber as mudanças facilmente observáveis:

Quando eu saí do UNIVAG já era outra realidade, oito anos depois nós já tínhamos o bloco, o espaço com os auditórios, já tínhamos aquela quadra que tem hoje ali onde é que tem o centro de eventos, aquele espaço foi construído pra atender a educação física, ali nós éramos pra ter uma pista de atletismo, nós trabalhamos com pista de atletismo ali era pra ter outras quadras, aí a Instituição foi tendo outras prioridades a gente foi perdendo aquele espaço, mas já tinha quadra coberta já com duchas pros alunos tomarem banho, vestiários e nada disso nós tínhamos, academia já estava funcionando o laboratório de ensino em antropometria, já estava funcionando a gente já tinha um laboratório pra isso, então mudou muito rápido a infraestrutura da Instituição, mas no início nós não tínhamos nada, nada, a aula de anatomia era dada no quadro nós não tínhamos o laboratório, não tínhamos peças não tínhamos absolutamente nada, nada. (MARQUES, 2017).

4.3 Fatos e acontecimentos relevantes à memória

As primeiras memórias desveladas neste capítulo são do professor Kido, a lembrança deste professor foge do senso comum, já que perceberão que outros professores associam eventos culturais e esportivos como relevantes. Não que estes não sejam, mas a preocupação educacional deste homem é visível em sua fala:

Os eventos mais marcantes foram às primeiras... As primeiras avaliações do MEC a gente não tinha experiência e o próprio UNIVAG não tinha essa experiência tão consolidada como é hoje. Hoje eles têm uma preparação de uma equipe que dá esse resguardo. Aquela primeira visita que nós tivemos é... Não houve uma preparação do corpo docente, então não foi trauma, mas foi... Coisa que deixou... marca...A nota foi 2, a equipe não era tão consistente né? Então por que nasceu a nota relevante? Porque tinha muitos mestres e doutores que davam aulas em outros cursos, em aulas integradas, nós tivemos doutores e isso integrava o corpo docente do curso, então isso foi uma avaliação ótima. Lá no início, eu como coordenador criei, a partir da minha experiência na UFMT, e o restante do pessoal aqui trouxe experiências das faculdades das universidades deles... Depois de um tempo veio a vitória, a renovação...Grande parte dessa tão sonhada nota 5 veio do trabalho do Jorge e da Raquel, que se organizaram nesta parte documental, na parte da avaliação que foi muito bem elaborada, aí com corpo docente teve uma nota bem elevada, também aí a nota do ENADE que é a prova dos alunos foi boa, acho que foi nota 4, é esse conjunto que se eleva a esse resultado (KIDO, 2017).

Porém, o professor Kido instiga-nos a questionar o professor Jorge, pois ele diz que a partir dele que veio a história da instrumentalização, das práticas do

UNIVAG pela comunidade externa, a participação do UNIVAG e a divulgação do seu curso com a participação em campeonatos esportivos.

Houve campanhas também em que foram pro interior algumas vezes, disputavam todos os torneios por aqui, nas federações universitárias pra uma divulgação, hoje já não temos tantas participações porque o UNIVAG já é reconhecido como uma entidade, mas naquela época precisava da divulgação de ir algumas vezes ao interior e nesse sentido a instituição apoiava.

O que acontecia eram os jogos universitários. O UNIVAG sempre esteve na época que estive lá... o UNIVAG sempre esteve muito ligado a questões sociais né? Lógico, nós também estávamos envolvidos com isso, porque nós entendíamos que dessa forma, com isso iríamos fortalecer o nome do UNIVAG, então, por exemplo, hoje nós temos a ação global, é eu acho que nós fomos pioneiros nisso, nós íamos aos sábados e domingos, nós estávamos direto com os alunos em ações ai no bairro Cristo Rei, no Mapim e em vários outros bairros ali daquela região do grande Cristo Rei, todo final de semana nós estávamos com eles lá, dentro das escolas fazendo vivências e participando de várias ações comunitárias nos bairros para as associações fazíamos atividades dentro das escolas, jogos universitários nós estimulávamos os alunos a formarem equipes a treinarem, nós treinávamos as equipes o UNIVAG, sim, patrocinavam investiam, pra que os alunos pudessem representar o nome do UNIVAG nos jogos universitários, nós participamos de muitas ações no bairro Cristo Rei. (MARQUES, 2017).

Além disso, o professor Rogério Marques rememora que todas as discussões que envolviam na época, o curso estava discutindo, a reformulação da formação do profissional de educação física, licenciatura e bacharelado, fizeram muitos fóruns, o professor mesmo coordenou vários deles de políticas públicas para o esporte e o UNIVAG sediou isso! O Estado veio pro UNIVAG por 6 anos consecutivos, porque a cada 2 anos nós tínhamos um Fórum, então, o UNIVAG era responsável por organizar esse evento, junto com a secretaria estadual de esportes, secretaria municipal de Cuiabá, secretaria municipal de Várzea Grande.

Costumo dizer quando a gente olha para os alunos que passaram por essa época, estão todos muito bem colocados, vários ocupando secretarias de esportes pelo estado, ou seja, se por um lado a gente não tinha infraestrutura por outro lado a gente tinha essa preocupação de levar o profissional de educação física a discutir, a debater o papel do profissional de educação física dentro da escola, na sociedade. Como educador físico, como personal trabalhando em academia, a minha geração de professores vivenciou essa discussão porque foi exatamente no período em que houve essa reformulação da graduação onde se dividiu a licenciatura do bacharelado. Mandamos alunos à Brasília, mandamos alunos a vários eventos ligados a esse nível de discussão e ações sociais no entorno, e aí não era só a educação física, interessante porque foi a educação física que

capitaneou isso, então ia a educação física depois a gente conseguia levar o pessoal da fisioterapia porque a gente tinha um contato muito bom muito forte com eles, depois a gente conseguiu levar Odonto, depois levamos a Farmácia e depois o GPA da saúde, todos estavam envolvidos nessas ações, então com relação a isso, toda infraestrutura que a gente pedia a gente tinha. (MARQUES, 2017).

Atualmente, de 2002 a 2017, depois de 15 anos de curso, se pode atestar a qualidade do curso pela posição de nossos ex-alunos, todos estão muito bem colocados, eles são referência para outros profissionais. Estão por aí realizando um trabalho que contribui pra sociedade e isso dá um respaldo muito grande, mostrando que houve uma formação de qualidade e, quando se chega neste patamar você consegue mais tranquilidade pra trabalhar, mas tem que se cumprir uma missão todos os dias pra garantir a qualidade, pois as coisas ficam mais fáceis por um lado e mais difíceis por outro, mais fácil porque você já chegou lá e difícil pra manter (ETO, 2017).

4.4 Perfil docente e discente: memórias

Este capítulo apenas faz um recorte sobre as memórias fragmentadas dos entrevistados em que alguns professores são lembrados e algumas lembranças em que os perfis de nossos alunos durante a trajetória são retratados.

É, eu fui para o UNIVAG a convite do professor Clóvis Arantes, a faculdade tinha recém-aberto né, estava no primeiro ano primeiros semestres ainda, ele tinha sido convidado para trabalhar lá, e como cada novo semestre precisavam de novos professores, surgiu no 3 semestre eu não me engano a disciplina de voleibol, e era uma das áreas que eu atuava na época né, e precisavam para essa disciplina um professor que conseguisse trabalhar o voleibol na perspectiva da escola, que conhecesse o voleibol na perspectiva do esporte, esporte de rendimento, mais que também conhecesse essa realidade e ou como transformassem esse esporte de rendimento para uma linguagem educacional dentro da escola então esse foi o convite que eu recebi para ir para lá, e aí eu fui conversei com o professor Kido levei meu currículo e foi dessa forma que eu fui para o UNIVAG. (MARQUES, 2017).

O professor Rogério ainda diz que: “O processo naquela época a gente não tinha acesso né? A gente recebia um convite, geralmente, nós convidávamos depois também, é alguns professores que nós conhecíamos que tinham perfil que nós

queríamos ou que a faculdade naquele momento queria. O que se procurava como perfil docente? A ideia apresentada pelo professor Rogério traz um conceito de humanidade que deveríamos seguir ainda nos dias de hoje:

Procurava-se um perfil de professores que tivesse uma visão mais humana, humanística da educação física então a gente levava entregava o currículo né, nós éramos convidados depois para ir lá para conversar, eu conversei com o professor Kido na época depois eu conversei com a pró Reitora de ensino também, e eu me lembro que uma das coisa que pegou na minha contratação é que eu não tinha a época, eu não tinha mestrado eu também não tinha pós graduação na área de docência de ensino superior né, tanto é que, a minha contratação ficou vinculada a isso né condicionada a isso, eu comecei a dar aula na faculdade ao mesmo tempo eu comecei uma pós graduação em docência do ensino superior, então a gente não ficava sabendo se tinham outras pessoas ou outros nomes, nós não tínhamos contatos nem um em relação a isso né, depois lá dentro e eu acabei fazendo parte de vários processos de seleção e eu pude verificar isso, é, os candidatos não tinham contatos com outros candidatos né e essa seleção se dava pensando primeiro no currículo do profissional que ia pra lá, mas principalmente no perfil desse profissional né, esse perfil que o UNIVAG desejava queria e na minha opinião ficou conhecida até por conta disso né de profissionais muito dedicado com a formação, preocupados em criar uma forma uma estratégia, uma metodologia de ensino que pudesse fazer com que o aluno saísse da faculdade de fato profissionalizado. (MARQUES, 2017)

O aluno convidado para essa pesquisa também lembrou o próprio professor Rogério e o professor Kido, ambos também protagonistas desta história:

O Rogério que deu aula pra mim, o professor Kido me marcou bastante. (Tinha a professora Simone que ela deu aula pra nós também, tem um professor baixinho, ele tá até fazendo doutorado fora agora), Tomires que foi um professor que marcou bastante também, o Joás também um professor que marcou bastante né? Foram os professores que tive mais contato. O professor Benedito que me deu aula e foi por ele que eu comecei o meu trabalho na academia dele, ali na Soma, então foi onde abriu as portas pra mim na área da Educação Física também. (GARCIA, 2017)

Sobre o perfil discente surgiram muitos temas interessantes nas falas dos narradores, por exemplo, o fato de relatarem que nas aulas práticas muitos alunos chegavam sem vivência motora nenhuma. E o que eles se perguntavam era o que fez com que esses acadêmicos viessem procurar o curso de educação física.

Porque eles não tinham vivência motora! É diferente da minha geração, a minha geração foi pra faculdade porque tinha uma vivência motora, ou era da dança ou era do esporte ou era da luta, ou era da ginástica, então nós tínhamos uma vivência uma experiência e nós queríamos dar sequência

nisso né, nos profissionalizar para trabalhar como profissionais da área. E esses primeiros alunos poucos tinham essa vivência e em compensação os que tinham eram excepcionais também eram excelentes atletas de seleção mato-grossense do Centro Oeste, atletas profissionais de futsal de futebol de voleibol, então nós tivemos a mesma turma, era díspare né essa vivência motora dos alunos. (MARQUES, 2017)

Muito ainda tem-se a dizer sobre a trajetória, porém, vale ressaltar que não se pode apresentar 15 anos em 12 meses, é preciso maior profundidade e maturidade acadêmica para lidar com memórias, histórias e lembranças e, mais que isso, transformar tudo isso em ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega a ser irônico falar em considerações finais sobre a história, a história que não é imutável, que é dinâmica e que se constrói e reconstrói a todo instante diante da cultura e da ação humana em pequenos ou grandes feitos.

Com tudo, durante o desenvolvimento da pesquisa houve dificuldades encontradas durante todo o processo, dificuldade em contatar os participantes e assim obter os dados relevantes da pesquisa, pois alguns já estão aposentados e outros mudaram de Estado, e isso gerou se difícil acesso.

No curso de Educação Física do UNIVAG de modo geral é perceptível que mudanças grandiosas aconteceram desde sua fundação até os dias de hoje, isso é notório, que a infraestrutura do curso o espaço físico se desenvolveu, muitos locais que não tínhamos para desenvolvimento das aulas práticas, hoje são do próprio campus, como por exemplo, o laboratório de anatomia com todo material necessário ao aprendizado dos alunos, sala para as disciplinas de ginástica, lutas e dança todos, muito bem ampliado que supram as totais necessidades acadêmicas dos alunos.

Algumas mudanças ainda se fazem necessárias, que é o caso da disciplina de natação ainda hoje necessitamos de parcerias para o seu desenvolvimento que é o clube das Mangueiras, a instituição não possui ainda uma piscina que comporte o grande número de alunos, o atletismo segue com as mesmas necessidades: não temos uma pista oficial para o seu desenvolvimento já utilizamos a pista do SESI, porém, hoje utilizamos a pista oficial do Centro Esportivo Dom Aquino, e as parcerias ainda nos permeiam.

Porém, todas as dificuldades não impediram o desenvolvimento e crescimento desta instituição, visto que a intenção desde a sua fundação era criar um curso novo e diferente dos que já tínhamos, e, não faltaram esforços para tal desenvolvimento. Um fator muito importante ao qual desencadeou todo esse crescimento e desenvolvimento da Instituição era o empreendedorismo educacional que era muito forte.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, L. R. IX **Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III** Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia 26 a 29 de Outubro de 2009-PUC PR. A constituição histórica da educação física no Brasil e os processos da formação profissional.
- BARBOSA, R. **Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública, 1883**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e saúde, 1946.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CASTELLANI FILHO, L. **A educação física no Brasil; a história que não se conta**. 5.ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- CUNHA, L, A. **A universidade temporã: da colônia a era de Vargas**. Rio de Janeiro: F. ALVES, 1986.
- CHIZZOTTI, A. Pesquisa em ciências humanas e e sociais. In: CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 52-95.
- DARIDO, S, C. **Educação Física na escola questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HOLLANDA, F. **História oral: como fazer como pensar**. São Paulo: Contexto: 2007
- KHOURY, Y, A. Muitas histórias, outras memórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

MARCONI, M, de A; LAKATOS, E, M. Metodologia científica. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo : Atlas, 2000 p. 91.

MARCONI, M, de A; LAKATOS, E, M. Técnicas de pesquisa planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas elaboração, análise e interpretação de dados. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa planejamento e execução de pesquisa, amostragens, e técnicas de pesquisas elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo : Atlas, 2002. p. 92.

MARCONI, M, de A; LAKATOS, E, M. Fundamentos de metodologia científica. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo : Atlas, 2010. p. 179.

MEIHY, J, C, B. Provocações – memória, história oral e história. In: **Oralidades** (USP), v, 8 , p. 179-191,2010

MINAYO, M, C, de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MORAES, E, V. O higienismo e a educação física brasileira. Encontro de história do esporte, lazer e educação física, 5, Alagoas. **Coletânea...** Rio Grande do Sul, ed. UNIJUI, 1997, p .234-242.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Editora, LDA, 1995a, p. 13-33.

OLIVEIRA, V, M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

PAIVA, F, S, L. Notas para pensar a educação física a partir do conceito de campo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 22, n. especial, p. 51-82, jul./ dez. 2004.

RIBEIRO, S, L, S. História Oral na Escola: instrumentos para o ensino de história. **Oralidades**, 4, 2000.

SOARES, C, L. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. Campinas- SP: Autores e Associados, 1994.